

CAPÍTULO 3

A IDENTIDADE NA EVOLUÇÃO DA PAISAGEM URBANA DE NOVA FRIBURGO

“Um povo, assim como uma pessoa, precisa trabalhar constantemente a sua memória. É ela que é capaz de fornecer as bases para a elaboração de sua história. A história fornece não apenas a sua identidade como permite escapar à própria servidão do passado. Conhecer a experiência e sobre ela refletir são passos essenciais para a sua própria superação. Pode-se dizer que o povo que não cultiva a sua própria história se torna incapaz de se tornar o sujeito construtivo de seu futuro.”⁸⁴

A partir deste capítulo, o referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores será aplicado ao Centro da Cidade de Nova Friburgo, estudo de caso desta dissertação.

Inicialmente, será feita uma leitura da evolução da paisagem urbana da cidade buscando elementos que caracterizem sua identidade. No capítulo posterior será feita, então, o restante da análise referente à caracterização da identidade local atual.

A leitura da cidade feita no decorrer deste capítulo permitirá um melhor entendimento dos elementos culturais e das ideologias reveladas na forma da cidade, além de possibilitar a busca por elementos estruturais que permaneceram no tempo e ainda hoje são referências na cidade.

3.1 A Formação de Nova Friburgo ou Utopicamente “Suíça Brasileira”

Com o final das Guerras Napoleônicas, a Europa, principalmente seus países pobres, entre eles a Suíça, passou por uma profunda crise. Como uma das medidas

⁸⁴ João Raimundo de Araújo e Jorge Miguel Mayer, *Teia Serrana – Formação Histórica de Nova Friburgo*, p.13.

de amenização desta crise, no caso suíço, foi estabelecido o deslocamento de parte de sua população para terras estrangeiras, por sessão de terrenos nestes países.

Em 1817, o agente do Cantão de Fribourg, Nicolau Sebastião Gachet, solicitou a D. João VI a concessão de terras para colonos suíços no Brasil. A proposta tratava-se de um projeto capitalista que visava o assentamento de 3.000 suíços em terras catarinenses e o gerenciamento, pela empresa suíça, da comercialização dos produtos, ali explorados pelos colonos.

Devido ao impacto das transformações econômicas mundiais no séc. XVIII, houve a necessidade da diversificação da produção da colônia portuguesa no Brasil, além de se buscar novos produtos de exportação e ampliar o povoamento territorial. A ociosidade de terras era um dos graves problemas vistos por Luís dos Santos Vilhena⁸⁵.

Neste contexto, a imigração estrangeira tinha boa receptividade, já que a grande maioria da população brasileira era escrava, e mão de obra qualificada e pessoas para ocupação das terras ociosas se faziam necessárias.

Após negociações, D. João VI estabeleceu um projeto de povoamento de colonos suíços no Brasil, alterando a proposta de Gachet. Neste projeto se definiu que a ocupação fosse feita na região serrana fluminense por no máximo 100 famílias suíças católicas, que deveriam se naturalizar brasileiras. A direção da colônia seria exercida por autoridades portuguesas e não seria admitida nenhuma ingerência suíça nos negócios internos brasileiros.

Em maio de 1818 foi assinado o documento que criou a Colônia de Nova Friburgo e estabeleceu as bases desta ocupação e suas condições de colonização. Esta ocupação seguia um novo modelo de colonização, não mais de exploração voltada para a exportação de gêneros alimentícios e exóticos, como as demais regiões do Brasil, mas de povoamento, voltada apenas para a ocupação das terras ociosas.

⁸⁵ “Luís dos Santos Vilhena – (1744-1814), nascido em Portugal, fixou-se na Bahia aos 43 anos, onde ensinava gramática latina. Ver de sua autoria *Pensamentos Políticos sobre a Colônia*, introdução de Manoel Araújo. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1987” - João Raimundo de Araújo e Jorge Miguel Mayer, *Teia Serrana – Formação Histórica de Nova Friburgo*.

Este novo tipo de colonização permitia o desenvolvimento da colônia voltada para as necessidades internas da população, por meio do trabalho livre.

Atraídas pelo modelo proposto de colonização, 261 famílias vieram para o Brasil, ao invés das 100 definidas inicialmente. Contudo, muitos destes imigrantes não conseguiram aportar em terras brasileiras, devido às más condições da viagem. Apenas cerca de 1600 colonos conseguiram chegar à Fazenda do Morro do Queimado, local serrano de difícil acesso que juntamente com as Fazendas São José e Córrego D'Antas foram escolhidos para a instalação da Vila de Nova Friburgo.

A inicial formação da vila por imigrantes suíços rendeu a ela o codinome de Suíça Brasileira, dado por um pequeno grupo desejoso de uma glamorização do município. Este codinome se deu muito mais pelas similaridades físicas e geográficas deste município com a Suíça do que a qualquer outro aspecto.

Inicialmente a hidrografia definiu a localização central do vilarejo, alojado às margens do Rio Bengalas, na confluência dos Rios Cônego e Santo Antônio. Sua ocupação se deu a partir de três núcleos: o centro do vilarejo, onde hoje se encontra a Praça Getúlio Vargas, o centro do Paissandu e o núcleo da Village (fig.11 e 12). Pela figura 10 pode-se notar a existência, já no projeto da Coroa para a instauração da Vila de Nova Friburgo, de três elementos de grande importância na configuração atual da cidade: a área da Praça Getúlio Vargas, que mesmo segmentada em várias praças menores já definia um espaço vazio na configuração urbana, o eixo da Avenida Alberto Braune, que embora ainda não integrada a Praça já podia ser lido como um dos principais eixos do traçado, e a Praça Marcílio Dias, que no projeto chamava-se Praça do Pelourinho e possuía um formato retangular.

Em 1820, o centro do vilarejo era constituído por casarios simples, moradia dos colonos. Estas casas eram em número tão pequeno que não eram suficientes para que cada família imigrante tivesse sua moradia. Próximo ao núcleo da Village encontrava-se a Casa de Inspeção de grande importância para a vila, localizada nas Ruínas da Fazenda do Morro do Queimado (fig.13), preexistente. Fora destes núcleos, as áreas mais elevadas e de difícil acesso foram destinadas a terrenos

agrícolas distribuídos à população, plano estabelecido pela coroa (fig.14), apesar de ser a região pouco propícia à agricultura.

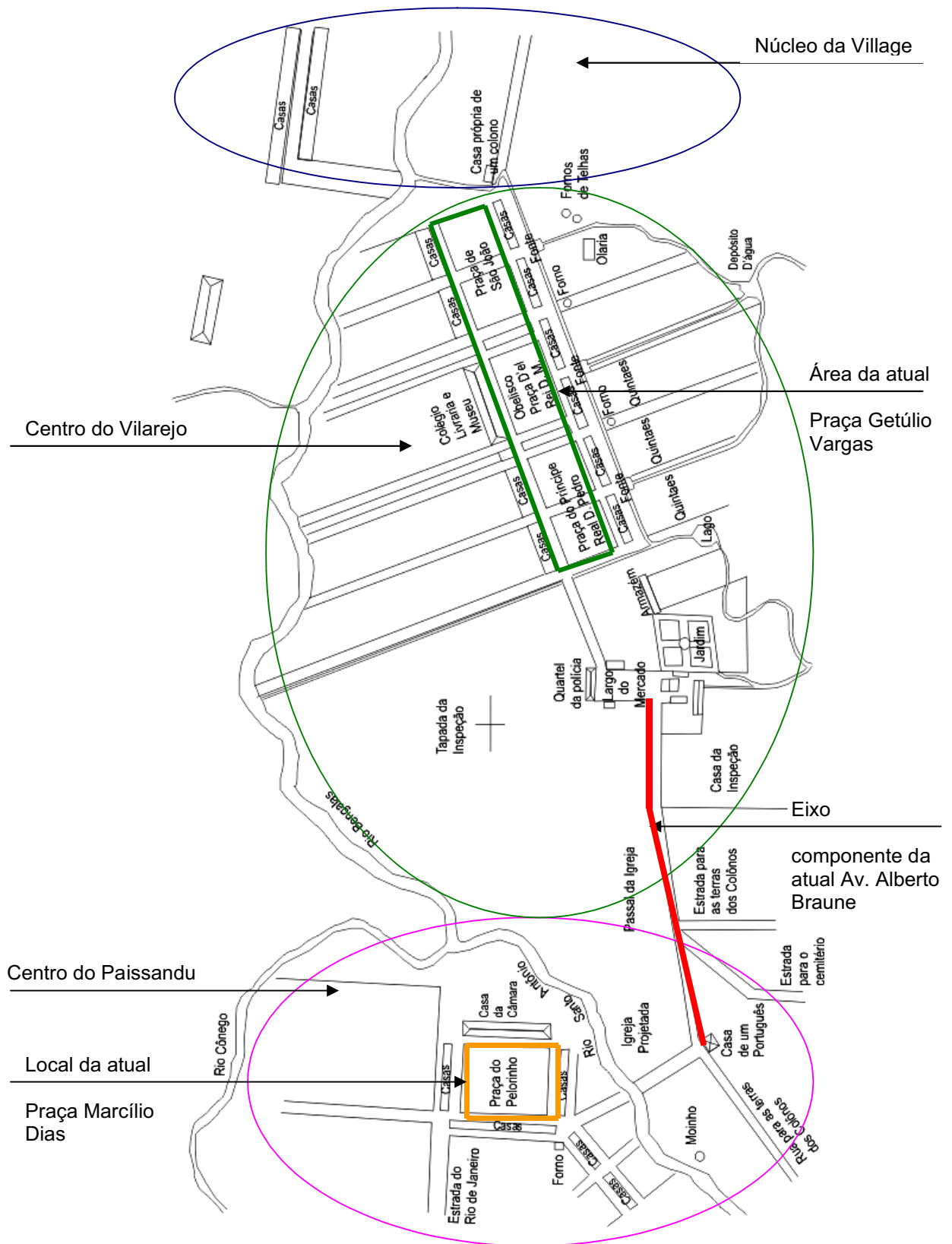


Fig.11 – Projeto da Coroa para instauração da Vila de Nova Friburgo, 1820
Fonte: Plano Diretor – Prefeitura de Nova Friburgo/ Org. DUARTE, Fernanda.



Fig.12 – Configuração real de Nova Friburgo em 1820.

Fonte: Nova Friburgo – 177 anos em CD-ROM.



Fig.13 – Cópia de um quadro em aquarela feita por J. Steimann, em cerca de 1830 e gravada por Fr. Salathé. A gravura retrata o centro do Vilarajo de Nova Friburgo, no entanto a representação dos morros e da praça central não está precisa. Ao alto, foi representada a antiga sede da Fazenda do Morro do Queimado transformada em Administração e Capela da Colônia, que os suíços denominaram de “Chateau Du Roi.”

Fonte: Acervo Digital Kastro.

3.2 Construindo a “Torre de Babel” e a sua Desperdiçada Belle Époque

Com a ociosidade das terras da colônia, em 1824, 342 imigrantes alemães foram deslocados para a área, convivendo com os suíços remanescentes e também ocupando a região de Cantagalo. A força de vontade dos imigrantes suíços e alemães gerou a melhoria da produção agrícola alimentícia da vila, que juntamente com o restante das regiões que formavam o Município de Nova Friburgo – Freguesia de São João Batista (sede do município), Conceição da Sebastiana (hoje pertencente ao município de Teresópolis), São José do Ribeirão (atual 2º Distrito de Bom Jardim) e Nossa Senhora da Conceição do Paquequer (atual município de Sumidouro) – se tornaram, no séc. XIX, integrantes de um município cafeeiro. Sendo assim, as características culturais, institucionais e arquitetônicas do município se aproximaram muito mais de uma sociedade cafeeira escravocrata do que de uma colônia de imigrantes livres.

Na década de 1830 (fig.15), o centro do vilarejo e o Paissandu já se apresentavam mais bem constituídos, com o assentamento de um maior número de edificações configurando melhor os espaços vazios pertencentes às duas praças. Nesta mesma época foram criadas as estradas que ligam as regiões leste e oeste da cidade – atual alto do Braunes, Tingly e a fazenda do Córrego Dantas.

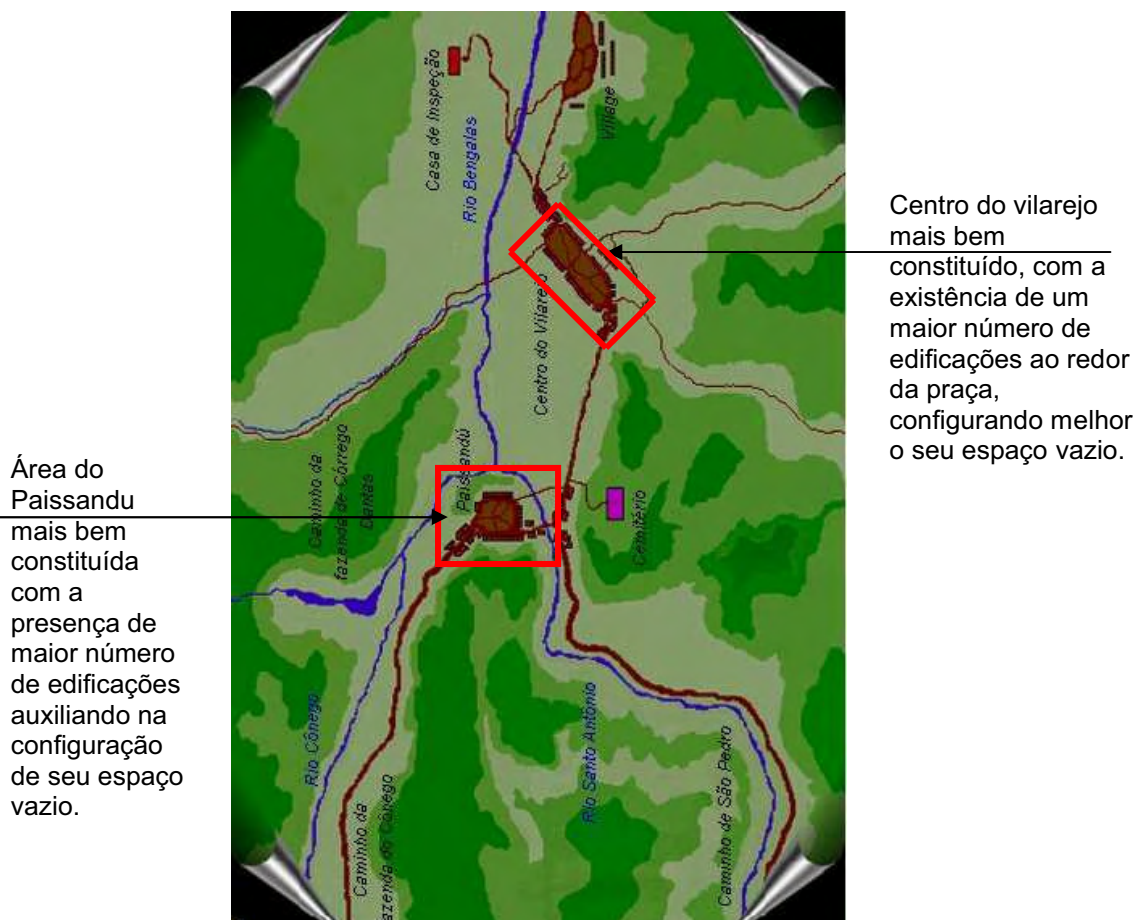


Fig. 15 – Mapa de Nova Friburgo em 1830.

Fonte: Nova Friburgo – 177 anos em CD-ROM.

Na década seguinte (fig.16), o ritmo de crescimento permaneceu impulsionado pela economia cafeeira, período no qual surgiram novos caminhos que posteriormente se tornariam ruas existentes no traçado atual. Neste mesmo período, a hoje Avenida Alberto Braune, já repleta de construções, tornava-se a principal via da cidade, mantendo-se até os dias atuais. O solar do Barão de Nova Friburgo⁸⁶ foi construído também neste período, entre 1840 e 1842, localizado na Praça de Cima, que posteriormente passou a se chamar Praça Princesa Isabel, Praça XV de Novembro e atualmente Praça Getúlio Vargas. Este imóvel ocupava todo o quarteirão, incluindo a área do campo de futebol do Nova Friburgo Futebol Clube, limitando-se nos

⁸⁶ O Barão de Nova Friburgo, Antonio Clemente Pinto, chegou ao Brasil por volta de 1820. Ajudado pelo Barão de Ubá enriquece por meio do comércio escravista, adquirindo várias fazendas cafeeiras em Nova Friburgo, Cantagalo e São Fidélis, onde as mais importantes são a fazenda de Areias e a fazenda do Solar do Gavião.

Seus dois maiores feitos foram a construção do Palácio das Águias, atual Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, e a implantação do ramal da Ferrovia de Cantagalo que ligava a região, inclusive Nova Friburgo, às principais áreas do Estado, Rio de Janeiro e Niterói.

Seus filhos ganham o título de Conde de Nova Friburgo e Conde de São Clemente.

fundos com o Rio Bengalas. Apesar de seu terreno ter sofrido desmembramentos, esta construção se mantém até os dias atuais, sendo um dos poucos exemplares remanescentes daquela época. No decorrer dos anos subsequentes este solar, adquirido pela Prefeitura, passou a ter diferentes usos e abrigou parte do executivo: a Câmara dos Vereadores, a Cadeia Pública e atualmente o Centro de Arte da Cidade.

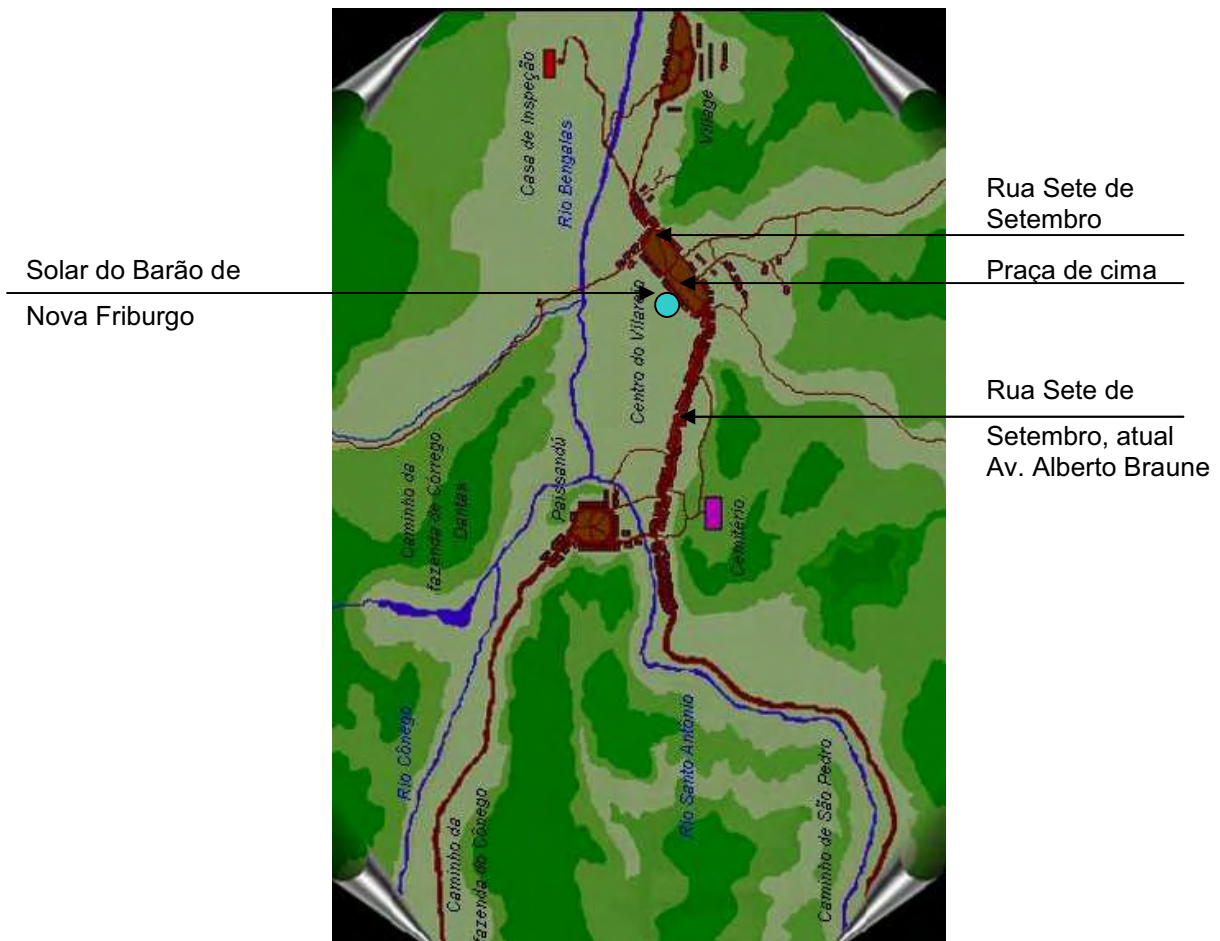


Fig. 16 – Mapa de Nova Friburgo em 1840.

Fonte: Nova Friburgo – 177 anos em CD-ROM.

Em 1860 (fig.17), o Rio Bengalas, principal afluente da região, foi retificado e em suas proximidades surgiu a Rua Uruguaiana, configurando assim a estrutura do traçado atual da cidade, ou seja, já se encontram nesta década os principais elementos da identidade formal atual da cidade, que são a Praça Getúlio Vargas ainda com outro nome, a Praça Paissandu, o eixo da Av. Alberto Braune e o eixo retificado do Rio Bengalas.

Ainda na década de 1860, próximo ao caminho da Fazenda Córrego D'antas, começaram a ser construídos os jardins do Parque São Clemente, denominado na época de Chalet do Barão de Nova Friburgo, projetado pelo paisagista francês Glaziou e local de grande importância histórica para a cidade atualmente (fig.18).

Nesta mesma década, em 1869, foi inaugurada a Igreja da Matriz, atual Catedral de São João Batista, elemento de grande identidade do espaço (fig.19), que se encontra nos dias de hoje emparedada por edificações de gabarito alto, dificultando assim a sua utilização como marco para seus usuários.

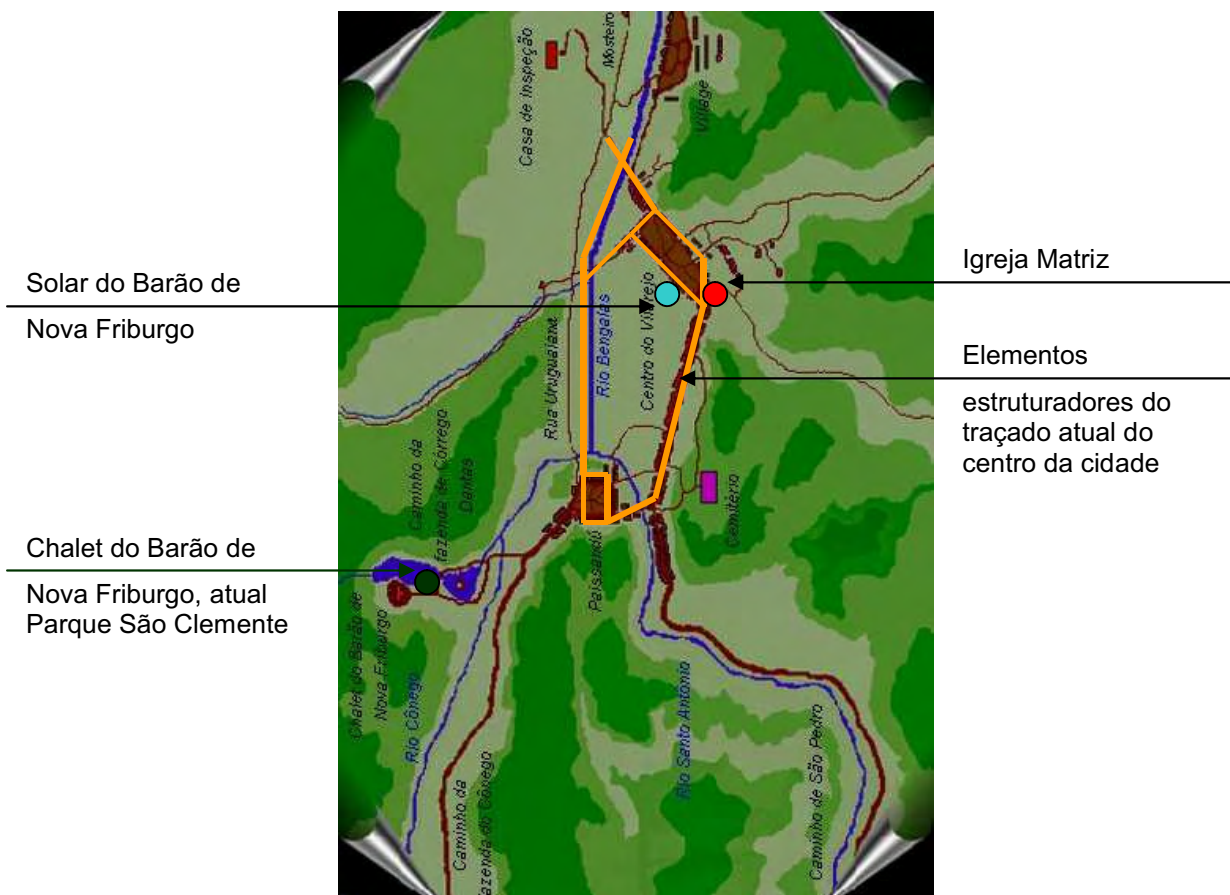


Fig. 17 – Mapa de Nova Friburgo em 1860.

Fonte: Nova Friburgo – 177 anos em CD-ROM.



Fig.18 - Jardins do Parque São Clemente.
(déc.60 – Séc.XX)

Fonte: Acervo Digital Kastro.



Fig.19 – Igreja da Matriz à esquerda, localizada ao redor da Praça de cima. (déc.60 – Séc.XIX)

Fonte: Acervo Digital Kastro.

Como resultado da expansão cafeeira ocorrida no estado do Rio de Janeiro, em 1873 (fig.20) foi inaugurada a estrada de ferro que ligava Cachoeira de Macacu a Nova Friburgo, para facilitar o escoamento da produção de café da região de Cantagalo. Em 1878, começou a funcionar o ramal que ligaria Nova Friburgo a Santa Maria Madalena, passando por Cantagalo. Embora o trem nunca tenha chegado de fato a Madalena, estabeleceu-se assim a ligação da região cafeeira com Niterói e o Rio de Janeiro, passando por Nova Friburgo. Esta estrada de ferro cortava o núcleo urbano da vila, passando pela antiga Av. General Argolo, onde possuía uma estação, e seguindo pela Praça 15 de Novembro em direção a Cantagalo e Sumidouro (fig.21, 22 e 23). Obra do Barão de Nova Friburgo, a ferrovia foi vendida à Companhia Leopoldina Railway em 1887. A Estação da Av. Gal. Argolo foi demolida e construída no local nova estação em estilo colonial, inaugurada em 1935 e denominada Estação de Passageiros da Leopoldina Railway. Esta edificação permanece no traçado atual da cidade, estando instalada nela a Prefeitura da Cidade.

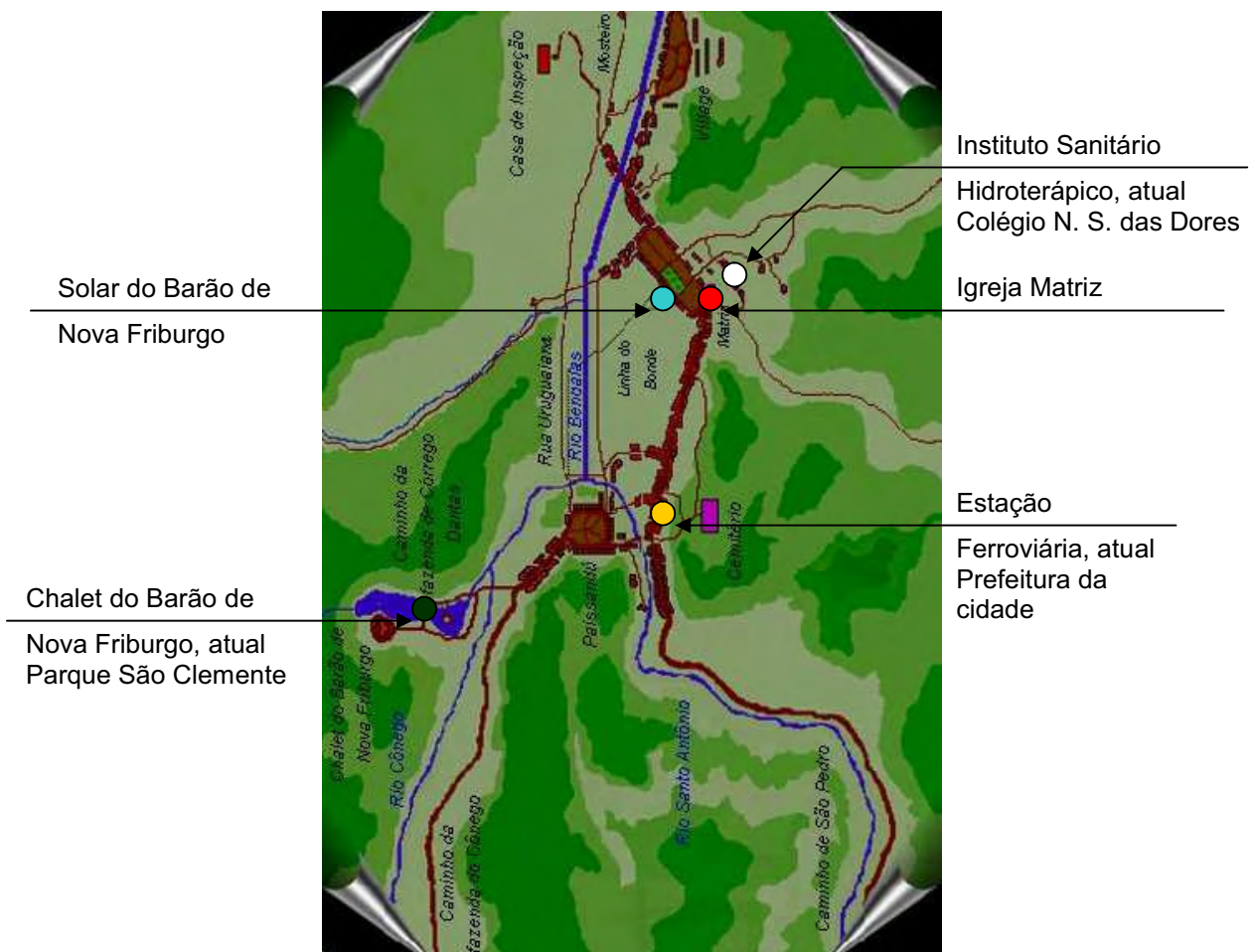


Fig. 20 – Mapa de Nova Friburgo em 1870.

Fonte: Nova Friburgo – 177 anos em CD-ROM.



Fig. 21, 22 e 23 – Ramal ferroviário que cortava o centro da cidade. – Séc. XX.

Fonte: www.friweb.com.br

Esta estrada criou uma nova vertente de expansão da ocupação territorial, rompendo com o padrão de ocupação que seguia apenas as margens do Rio Bengalas. Além disso, ela revelou um novo momento para o vilarejo, que com a diminuição da viagem entre o município e o Rio de Janeiro, passou a receber um grande número de veranistas e pessoas debilitadas fisicamente, que buscavam no município desfrutar das qualidades naturais da região. Este incremento populacional sazonal permitiu o desenvolvimento da economia do vilarejo, mediante o aumento das redes de hotelaria e do comércio em geral, explorando a imagem que surgia de “cidade salubre”. O artigo a seguir retrata a leitura que se fazia de Friburgo:

(...) A cidade do Rio de Janeiro está quentíssima, mais quente que o fogo em brasas, faz allí um calor insupportável, quanto mais nos próximos mezes de novembro à março. É isto o que todos sabem, não carece demonstrar. Sendo assim, é provável que grande número de pessoas allí residentes se retire para fóra, procurando passar alguns mezes no goso do ar livre, fugindo das epidemias que a infestam todos os annos principalmente nos referidos mezes. Está reconhecido pelas observações feitas que a cidade de Theresopolis, embora seja um lugar fresco, não pode ser procurada, por que é diariamente açoitada pelos ventos; é lugar pequeno e insípido – não passa de um estreito becco; as viagens da capital federal para essa cidade são assaz incomodas e dispendiosas e em chovendo tornam-se difficultosas. Para Petrópolis há facilidade e barateza de transporte, mas é lugar de clima muito humido, o que é nocivo à saúde, mormente para as pessoas já affectadas de alguma moléstia ou que precisam convalescer-se; devendo notar-se mais que Petrópolis, é uma cidade de luxo, aristocrata, própria para diplomatas. Com a mudança da capital do Estado do Rio para allí, encheu-se a cidade de Petrópolis de grande massa de elementos perniciosos, perigosos à moralidade e à tranquillidade públicas, privando as famílias de certos gosos que outr’ora tinham.

(...)

Todos quantos pretenderem afastar-se por algum tempo do calor que tanto incomoda e que é origem de tantos males, que precisarem de descanso e quizerem gosar de puríssimo ar das montanhas, não encontrarão outro lugar mais apropriado que Friburgo (...).⁸⁷

⁸⁷ O Friburguense, de 1-10-1894 apud CORRÊA, Maria Janaína Botelho. *O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX: Práticas e Representação Social*, p. 150-151.

Ainda dentro da descrição do vilarejo, nesta mesma década, de 1870, surge também a linha de bonde que ligava o Chalet do Parque São Clemente à residência do Barão na Praça XV de Novembro (fig.24).

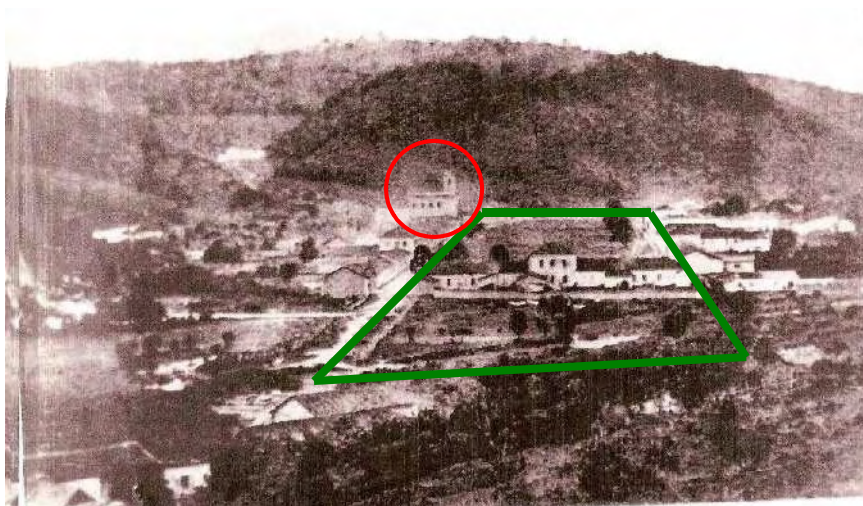


Fig. 24 – Vista do Morro da FONF. Vê-se a Praça XV de Novembro, ainda seccionada em três partes e a Igreja Matriz à esquerda. 1870

Fonte: Pró-Memória

Foi em 1870, também, que foi construído o Instituto Sanitário Hidroterápico, ou Estabelecimento de Duchas como também era conhecido, localizado à Rua General Câmara (fig.25), tornando-se um ponto de referência na vila. Mais tarde em 1891, foi construído, em anexo e com comunicação com o estabelecimento, o Hotel Central em estilo neoclássico. Atualmente estes dois exemplares pertencem ao Colégio Nossa Senhora das Dores, mantendo sua referência nos dias atuais.

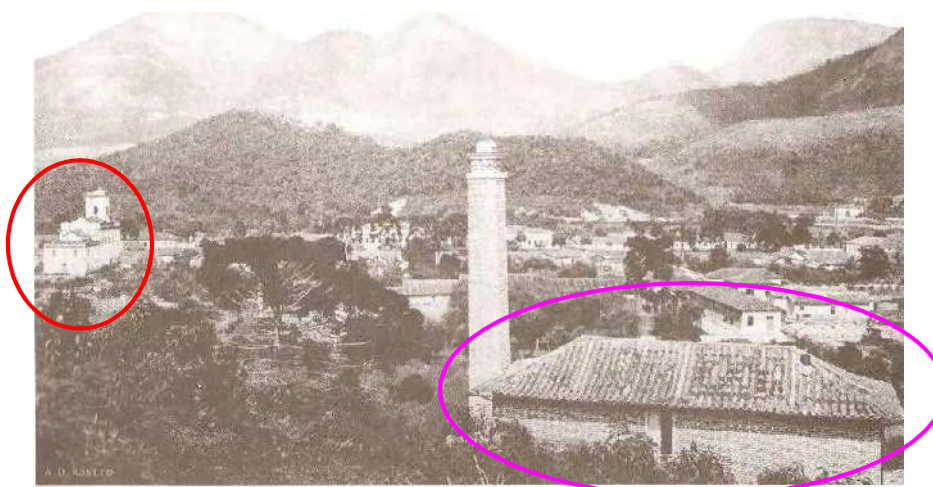


Fig.25 – Chaminé da caldeira geradora de vapor do Instituto Sanitário Hidroterápico, anexo ao Hotel Central. 1870

Fonte: Acervo Digital Kastro

A Praça XV de Novembro, atual Praça Getúlio Vargas, começa a ser urbanizada também nesta década, só sendo inaugurada na década de 1880. Esta praça ocupa as antigas Praças de cima, Praça do Príncipe Real Dom Pedro de Alcântara, Praça Del-Rei D. João VI e Praça de São João Batista do antigo traçado colonial. A Praça XV de Novembro foi feita pelo mesmo paisagista francês autor dos jardins do Parque São Clemente, Auguste Francisco Maria Glaziou. Sua configuração se dividia em três partes, formando uma alameda central e duas laterais, sendo estas ladeadas por fileiras de eucaliptos. Embora esta praça fosse de cuidado da Câmara, ela se apresentou cercada por grades em usufruto do Barão de Nova Friburgo por anos, cujo solar se apresentava ao lado, podendo este até considerá-la como os jardins de sua casa (fig.26). Esta praça permanece no traçado atual da cidade mantendo o projeto de Glaziou, com apenas uma parte desmembrada para constituir a Praça Demerval Barbosa Moreira. Atualmente não mais cercada, é vista como o coração verde do centro da cidade e um dos principais elementos da identidade local.



Fig.26 – Praça XV de Novembro e a esquerda o solar do Barão de Nova Friburgo. 1910

Fonte: Acervo Digital Kastro.

Nesta mesma época, a praça e a Avenida General Argolo já eram consideradas o principal eixo comercial de Nova Friburgo, apresentando os melhores comércios, cafés, confeitarias, rede hoteleira e as residências mais suntuosas. Segundo Corrêa: “A diversão ganha o espaço da rua. Entra em cena a arte de ver e ser visto”⁸⁸, destacando assim a importância deste eixo, desde então, não apenas para a realização de atividades mas também para o encontro.

⁸⁸ Maria Janaina Botelho Corrêa, *O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX: Práticas e Representação Social*, p. 85.

Ainda nesta década, em 1886 é fundado o Colégio Anchieta, instalado no antigo prédio da Fazenda do Morro do Queimado e elemento de grande referência atual (fig.27).



Fig.27 – Colégio Anchieta. Déc. 1910.

Fonte: Acervo Digital Kastro.

Nesta mesma década, voltando-se para o cenário nacional, mais precisamente em 1888 e 1889, o país vivia as transformações do final da escravidão e da implantação da República. Este foi um período de grande incorporação de mão de obra estrangeira, proveniente em sua maior parte da Itália, de Portugal e da Espanha.

Mesmo que os números oficiais não mostrem, relatos dão conta de que boa parte dos imigrantes vindos para a capital federal acabou tendo seu destino final em Nova Friburgo⁸⁹, devido aos problemas enfrentados pelo Rio de Janeiro, como epidemias e falta de infraestrutura urbana.

Ao final da década de 1880, Nova Friburgo já apresentava uma hegemonia de portugueses, italianos e espanhóis, que juntamente com a presença de árabes, franceses, alemães e suíços, transformaram a cidade numa verdadeira “torre de babel”, segundo Corrêa, aumentando não só os conflitos sociais como também dificultando a construção e caracterização da imagem e cultura da cidade.

Em 1890, Nova Friburgo foi elevada à categoria de cidade, gerando grandes mudanças territoriais no município. Se anteriormente o município de Nova Friburgo era formado pela Freguesia de São João Batista, Conceição da Sebastiana, São José do Ribeirão e Nossa Senhora da Conceição do Paquequer, a partir desta

⁸⁹ Este fato pode ser verificado em: Maria Janaína Botelho Corrêa, *O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX: Práticas e Representação Social*, p. 54.

década ele se restringiu praticamente à Freguesia de São João Batista (área em estudo), local de maior concentração de trabalhadores livres e do primitivo vilarejo. O crescimento desta freguesia está diretamente ligado à produção de gêneros alimentícios e à atividade turística da vila, como local de clima salubre. Isto gerou a busca de um caráter cada vez mais urbano para o município, ficando os hábitos rurais cada vez mais relegados.

Tal fato se confirma no trecho de Corrêa:

A elevação de Friburgo à categoria de cidade, a partir de 1890, provavelmente deu novo sentido ao município, provocando um efeito psicológico sobre a classe dominante que passou a recriminar os hábitos rurais da população em geral. Pretensiosamente, o que se objetivava com isso era impor limites precisos entre as zonas rural e urbana, proibindo que vacas e cabras fossem vistas pastando nas ruas da cidade e nos logradouros públicos. (...)

No entanto, enquanto a elite friburguense lutava para transformar a cidade numa urbe, os veranistas deliciavam-se com sua paisagem rústica.(...)

A imagem que se fazia de Friburgo, não obstante o paradoxo, era a de uma “cidade de campo”, desprovida de luxo, tranquila e idílica.⁹⁰

Nesta mesma década, de 1890 (fig. 28), Nova Friburgo já apresentava sua ocupação plenamente definida, ocupando grande parte do vale e se estendendo ao logo do eixo norte-sul, devido a seu relevo acidentado. Nesta época, surgiu a Praça do Suspiro, o último espaço vazio a ser construído da configuração atual do espaço, enquanto que a Praça Paissandu, atual Praça Marcílio Dias, já se encontrava urbanizada. A Av. Gal. Argolo era cortada por diversas ruas transversais, como a Leuenroth, Jacome, Duque de Caxias, Umbelina, Riachuelo e Beco do Arco, que permaneceram no traçado atual da cidade, tendo algumas apenas mudado de nome. Estas ruas convergiam para a Rua Avenida, antiga Rua Uruguaiana, que já se apresentava com 51 metros de largura e 960 metros de extensão, dividida em duas alamedas pelo Rio Bengalas. Esta rua, que posteriormente passou a se chamar Avenida Friburgo e atualmente Doutor Galdino do Vale Filho, é um importante eixo viário do município. Nesta época, esta rua ainda não possuía as alamedas de ipê amarelos e lilases que margearam o rio, até poucos anos atrás,

⁹⁰ Maria Janaina Botelho Corrêa, *O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX: Práticas e Representação Social*, p. 98-99.

dando a esta via uma identidade própria. Esta arborização foi sendo destruída, sobrando apenas poucos exemplares de ipês atualmente.

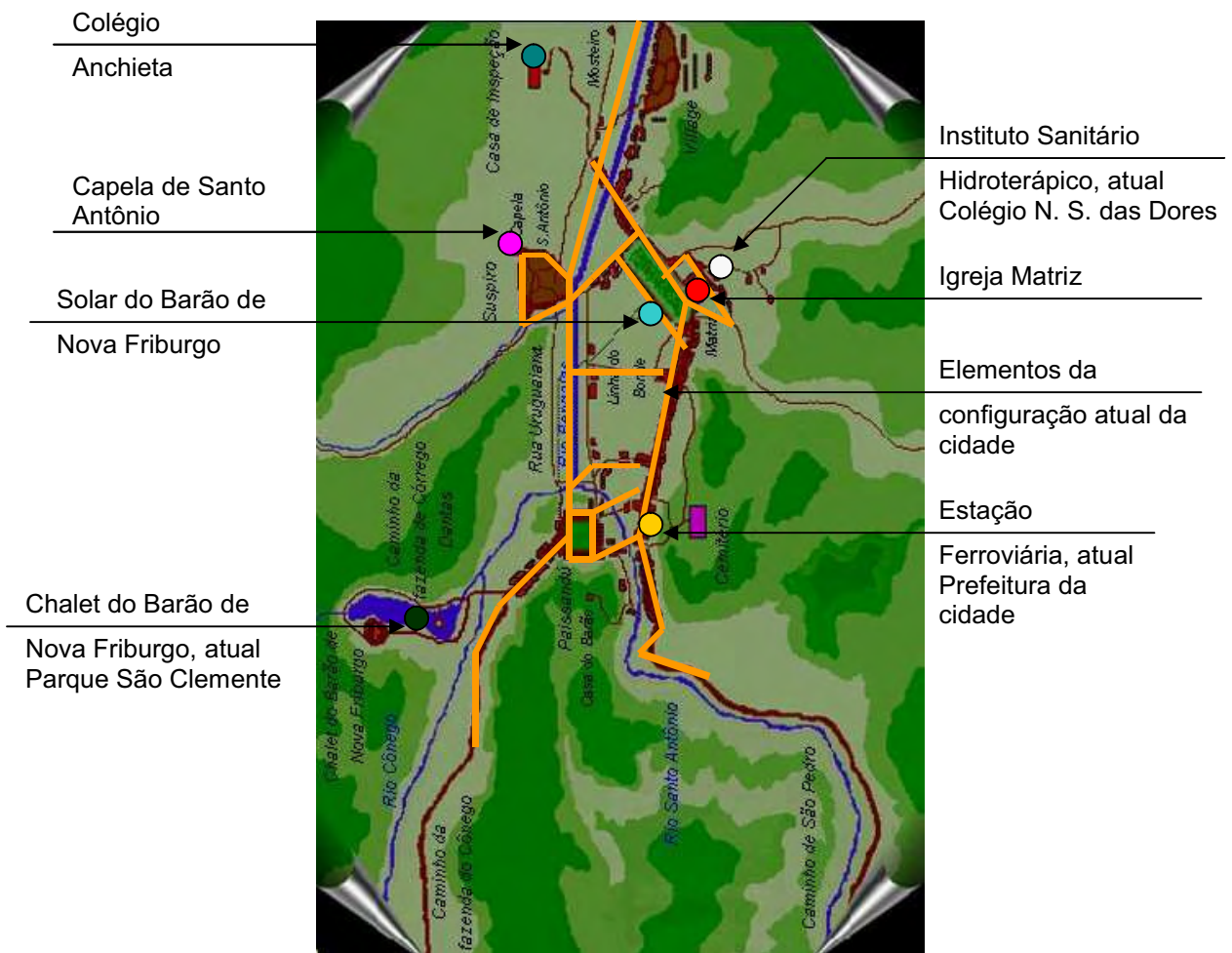


Fig. 28 – Mapa de Nova Friburgo em 1890.

Fonte: Nova Friburgo – 177 anos em CD-ROM.

Ao contrário do que muitos pensam, ao final do século XIX, o cenário que se encontrava em Nova Friburgo era o da concentração de sua população em torno do primitivo povoado que se tornou o centro da cidade, misturando-se solares e chalés luxuosos com reles casebres.

Na verdade, Nova Friburgo herdou dos tempos de colônia esta grande mistura de classes em seu espaço urbano, criando um cruzamento de realidades sociais múltiplas, que iam desde ricos até miseráveis. Esta organização espacial propiciou, ao final do século XIX, o aumento das tensões sociais. A partir da vinda dos veranistas para a cidade e do desenvolvimento econômico ocorrido com a venda da imagem de Friburgo como a cidade salubre, sua elite começou a reivindicar

melhorias urbanas que se confrontavam diretamente com os hábitos rurais da população mais miserável. Estas reivindicações começam a ser atendidas quando um grupo de médicos higienistas assumiu a prefeitura da cidade, transformando o caráter da área pública da cidade. A rua aos poucos foi perdendo sua característica de via de passagem de animais e tornando-se palco para encontros sociais. Com isto, passou a ser apropriada pela elite, surgindo assim cafés, confeitarias, charutarias, teatro e bilhares, se tornando um importante passeio para a classe dominante, não mais tolerante ao convívio com as classes menos abastadas.

Dentro deste processo de elitização do espaço urbano, em 1894 foi inaugurado o Teatro D. Eugênia, em estilo eclético, localizado à Rua General Câmara, atual Augusto Spinelli (fig.29). Este prédio de grande referência para a cidade foi demolido e atualmente em seu lugar encontra-se outra edificação.



Fig. 29 – Teatro D. Eugênia, 1910.

Fonte: Acervo Digital Kastro.

Este processo de melhorias urbanas foi desenvolvido apenas superficialmente, já que mesmo com a presença de estabelecimentos mais sofisticados, a cidade ainda apresentava características extremamente rurais, sem calçamento, iluminação pública digna e condições sanitárias básicas. A inserção destes estabelecimentos no espaço público permitiu uma leitura errônea da cidade, levando a se achar que Nova Friburgo estaria passando por sua “belle époque” e que, utilizando as palavras

de Corrêa, “a qualquer momento surgiria um Haussmman legando à cidade belos boulevares e monumentos para enaltecer a glória de um tempo.”⁹¹

Na verdade, ao contrário das principais cidades brasileiras que só tiveram condições para se urbanizarem no primeiro decênio do século XX, Nova Friburgo, ao final do século XIX, já apresentava condições necessárias para esta façanha, devido à enorme quantidade de veranistas que recebia durante longas temporadas em busca das características curativas da cidade salubre.

O final do século XIX foi o grande momento da cidade, quando ela tinha as condições necessárias para não só se urbanizar, mas também para criar a sua ‘belle époque’, o que não fez.

A identidade criada de Cidade Salubre, ao mesmo tempo em que fez com que Nova Friburgo despontasse economicamente, fez com que não houvesse um interesse público em fazer as reformas urbanas necessárias para o seu crescimento. Seus governantes não se preocuparam em criar prédios imponentes ou marcos para a cidade, já que eram as condições climáticas que os turistas buscavam. O clima frio e seco, que impedia a proliferação de doenças, as altas montanhas, que no imaginário popular representavam uma barreira contra as doenças, e suas flores eram os principais elementos de identidade local, necessitando apenas de preservação.

3.3 A Industrialização, a Expansão da Urbanização e o Abandono da Preservação das Belezas Naturais

O surgimento da ferrovia, em 1873, a imigração de empresários alemães vindos devido à crise na Europa e o contrato de fornecimento de energia elétrica, todos em 1911, permitiram a transformação da cidade em pólo industrial regional, com grande desenvolvimento dos setores têxtil (Fábrica de Rendas Arp e Fábrica Filó, de grande referência no espaço público), metal-mecânico (Ferragem Haga) e acessórios de couro (Fábrica Ipú, também de grande referência no espaço público), característica

⁹¹ Maria Janaina Botelho Corrêa, *O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX: Práticas e Representação Social*, p. 154.

que manteve até os anos 90. Este movimento de inserção da indústria na cidade seguiu um padrão parecido com o da Alemanha, sendo tal processo promovido pela elite.

A elite friburguense vê, mediante a industrialização, a grande oportunidade de se livrar das características rurais da cidade que não conseguiu outrora. Desta vez ela consegue, trazendo juntamente com a industrialização a expansão da urbanização a partir do primeiro decênio do século XX (fig.30).

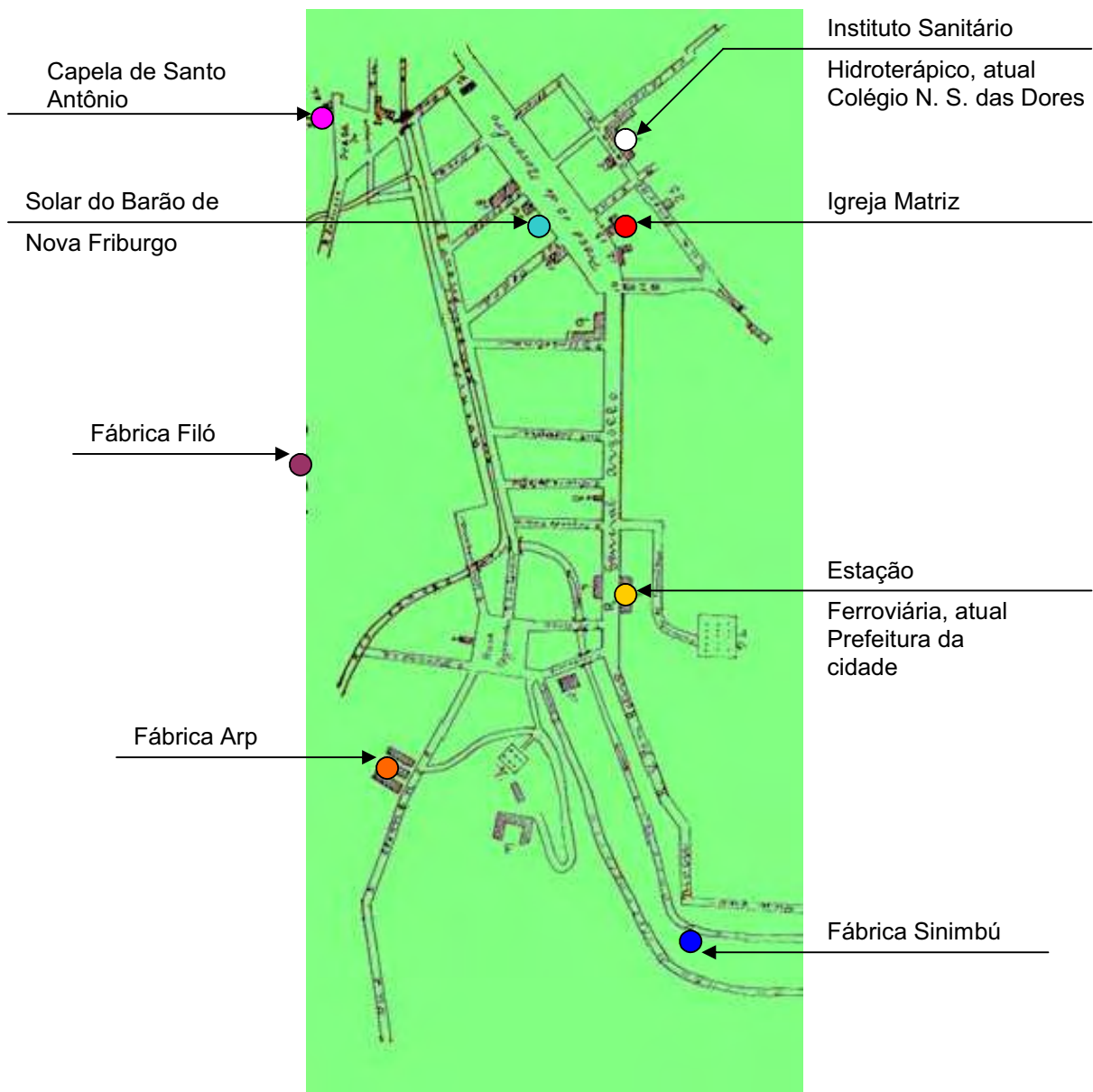


Fig. 30 – Mapa de Nova Friburgo no início do século XX. Nota-se que a configuração atual da cidade já estava formada nesta época.

Fonte: Nova Friburgo – 177 anos em CD-ROM.

No início do século XX, o processo de industrialização pelo qual passou a cidade gerou diversos reflexos no seu já consolidado tecido urbano. As indústrias se instalaram às margens da área já ocupada, limitadas pelo relevo acidentado do vale, criando um adensamento em torno delas que ocasionou a ocupação dos morros próximos iniciando um processo que acarretou a degradação não apenas da natureza como também de sua paisagem urbana. O vale já ocupado não comportava mais o crescimento gerado por esse processo, forçando um início de expansão também para o estreito vale do Rio Cônego, um dos afluentes do Rio Bengalas, o que originou posteriormente Olaria, um bairro mais popular, que cresceu a partir da Praça do Paissandu.

Na figura 31, área da Praça do Suspiro no início do século XX, nota-se a ocupação principalmente das áreas planas da região, mantendo-se os morros com sua vegetação nativa. Já na figura 32, o mesmo local, no ano de 2004, apresenta-se densamente ocupado não mais apenas em suas áreas planas, mas também nas encostas do morro, mantendo-se apenas dois elementos de destaque do início do século XX, o atual Hotel Schumacher e a Capela de Santo Antônio.

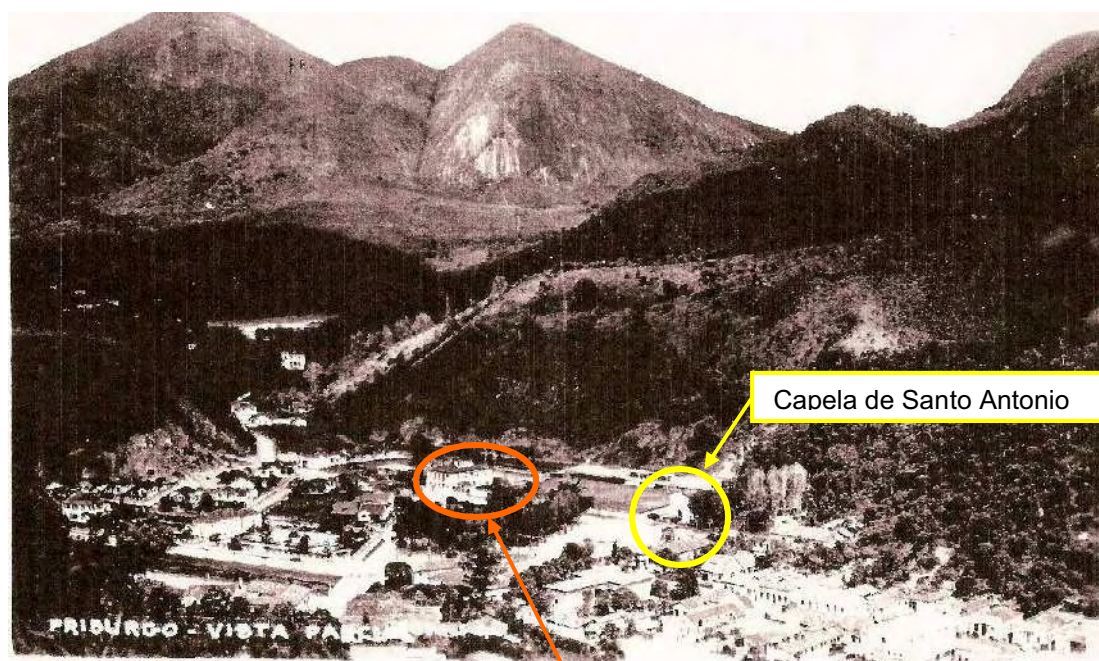


Fig.31 - Vista do início do século XX.

Fonte: Pró-Memória.

Hotel Schumacher



Fig.32 - Vista do ano de 2004.

A figura 33, relativa ano de 1910, permite visualizar como a Igreja Matriz naquela época se destacava na paisagem, não apenas pela sua composição, mas principalmente pela existência de um casario simples e de gabarito bem baixo ao seu redor. Atualmente esta igreja não apresenta o mesmo destaque na paisagem, já que se encontra 'emparedada' por edificações mais altas que ela, como visto na figura 34 do ano de 2004.



Fig.33 - Vista do ano de 1910.

Fonte: Acervo Digital Kastro.



Fig. 34 - Vista do ano de 2004.

Com a consolidação do processo de industrialização, na década de 30, Nova Friburgo passou a ser considerada um pólo industrial, cultural, comercial e de serviços, atraindo habitantes dos municípios circunvizinhos e irradiando desenvolvimento para toda região centro-norte-fluminense. Como consequência, seus sucessivos dirigentes deixaram de lado a preservação dos elementos naturais da cidade e de seu patrimônio público, rendendo-se ao processo de especulação imobiliária que começava a alterar sua paisagem. Este processo de negação de seu passado em prol da urbanização, do progresso e do desenvolvimento gera a negação e degradação de sua própria identidade.

As figuras 35 e 36 ilustram este processo de negação dos elementos naturais da cidade. Em 1930 o Rio Bengalas, principal afluente da região e um dos principais elementos de identidade da cidade, ainda se apresentava com suas margens preservadas. No entanto, no início do século XXI, foi feito o alargamento de sua calha para diminuir as enchentes locais, dando-lhe a imagem de algo construído e não 'natural'.



Fig.35 - Vista do ano de 1930.

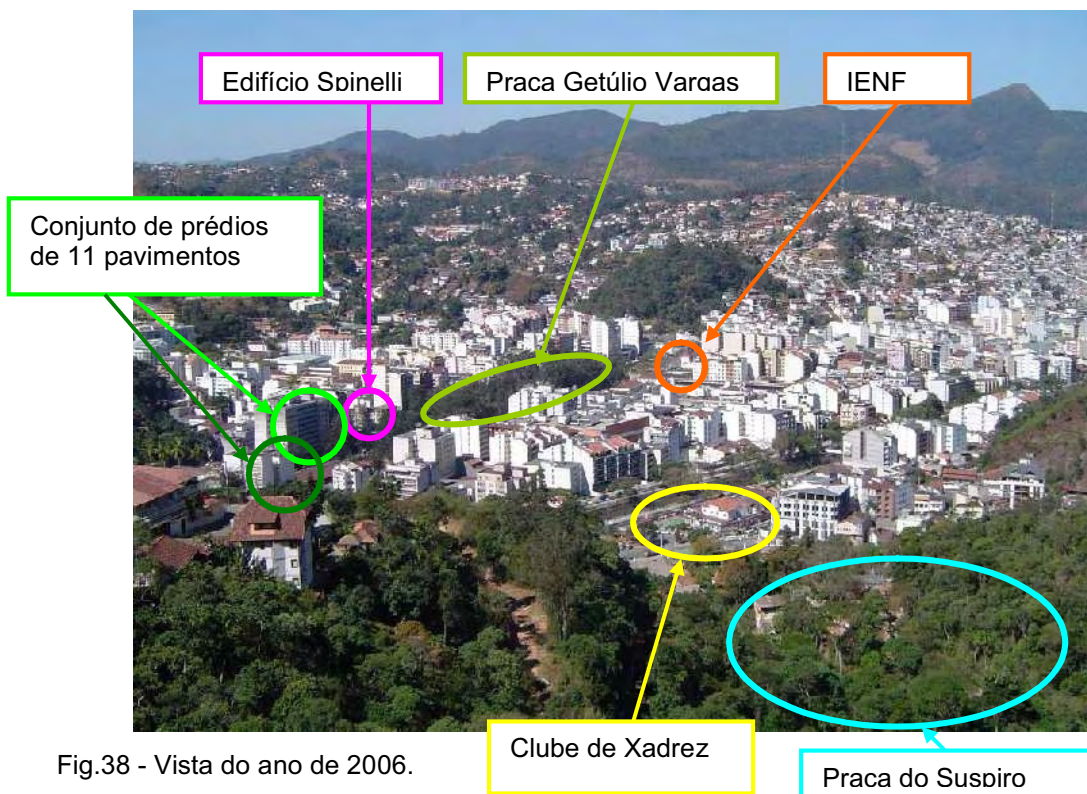
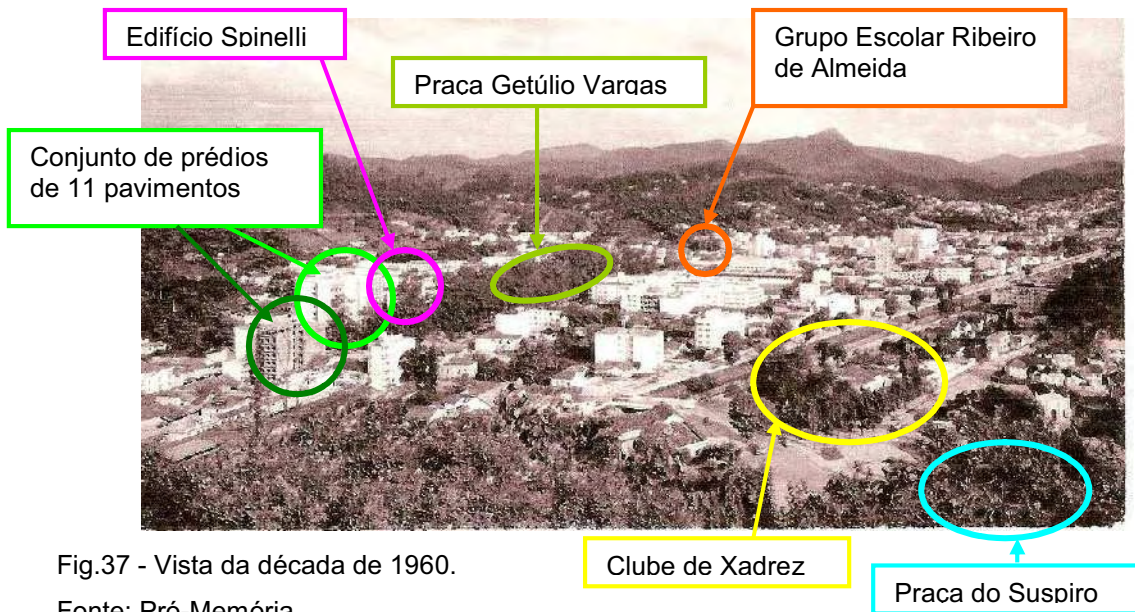
Fonte: Acervo Digital Kastro.



Fig.36 - Vista do ano de 2008.

Dentro deste processo, em meados do século XX, o adensamento populacional e a riqueza gerada pela industrialização deram início a um processo de transformação na área central consolidada, induzindo a verticalização de trechos de sua área comercial, passando de simples sobrados a edificações de até 11 pavimentos conforme a época de sua construção. O início deste processo de verticalização pode ser percebido na figura 37, de 1960, na qual já se nota a construção de alguns prédios de 11 pavimentos e a existência de alguns elementos importantes para a

identidade atual da cidade. A figura 38 apresenta a mesma área em 2006, e percebe-se a diferença dos gabaritos das edificações nestas duas épocas.



Alguns exemplares de sobrados do século XIX e XX foram mantidos, mesmo com esta verticalização do espaço, como pode ser visto nas figuras 39, 40 e 41, que mostram a Avenida Alberto Braune em dois momentos distintos, nas quais podem se identificar três sobrados remanescentes de meados do século XX.

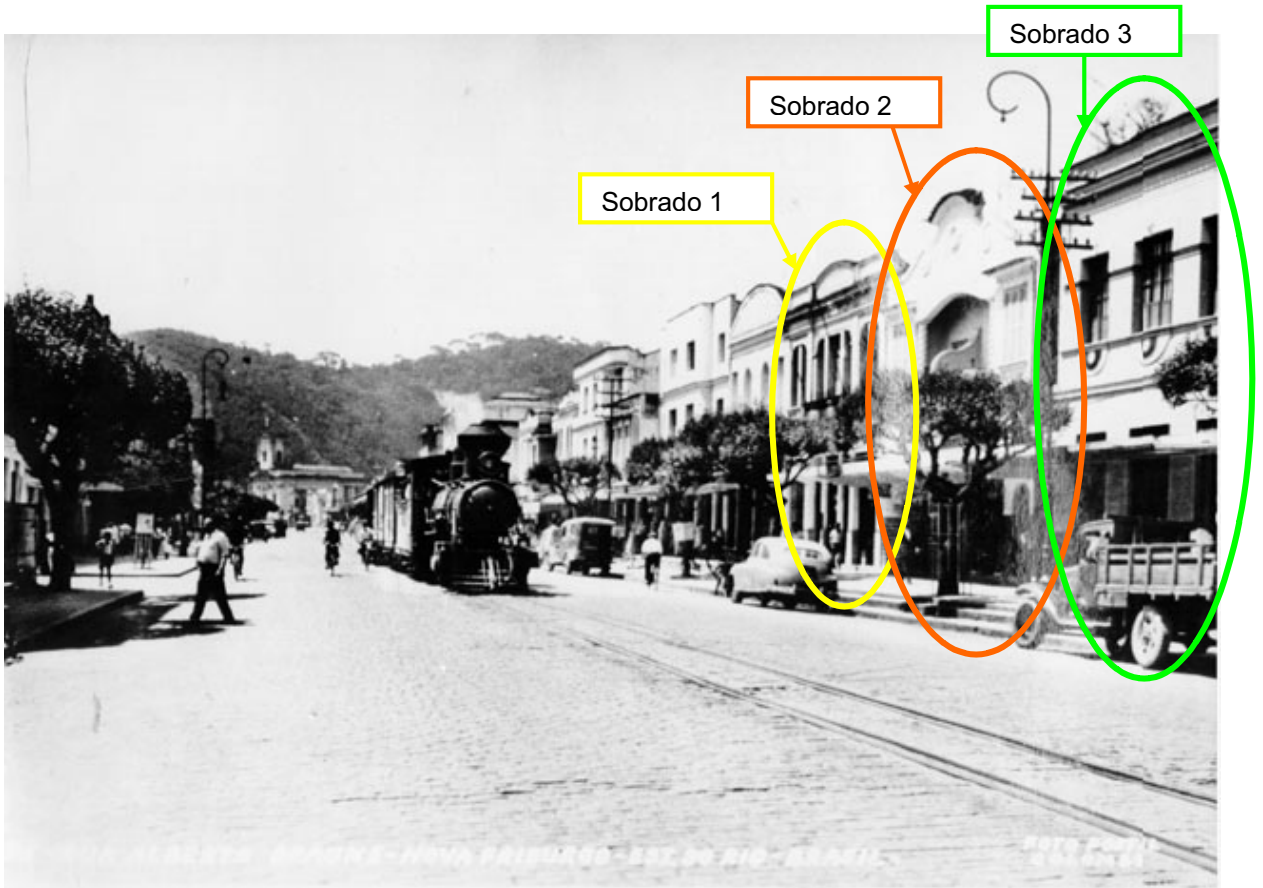


Fig.39 - Vista de meados do século XX.

Fonte: www.friweb.com.br.



Fig.40 e 41 - Vistas do ano de 2007.

Sobrado 1 – Atual
Associação Comercial

3.4 Cidade da Moda Íntima: A Ruptura e a Retomada

Ao contrário do que todos pensavam, o progresso revelado pela industrialização em Nova Friburgo, que para muitos era uma experiência bem-sucedida de capitalismo e

que tornava, na construção ideológica, Nova Friburgo uma cidade primeiro-mundista, bem-descolada do quadro geral brasileiro e até latino-americano, não resistiu à crise capitalista nacional e internacional e aos problemas da globalização, ocorridos na década de 80 e início da década de 90.

O ideal de paraíso capitalista⁹² nunca foi alcançado, já que, com a crise, houve a desaceleração das grandes indústrias e o desemprego em massa. Este fato fez com que a cidade de Nova Friburgo perdesse sua importância no quadro geral do estado, deixando de atrair habitantes de outras localidades.

Como resultado do desemprego de trabalhadores das indústrias têxtil e do vestuário, surgiram microempresas quase que caseiras voltadas para a moda íntima. Esta solução bastante particular, que possibilitou o equilíbrio da cidade, não devolveu o vigor apresentado no passado. Além disso, este tipo de industrialização, não tão sólida como a anterior, aumentou muito a informalidade, diminuindo a renda per capita da cidade e aumentando o crescimento desordenado do espaço e a ampliação de favelas e violência.

O processo de verticalização de trechos da área comercial, iniciado com a riqueza da industrialização, se estanca; no entanto, as áreas residenciais periféricas a ela continuaram seu processo de verticalização, ocorrendo continuamente até os dias atuais. Porém, a partir de 1988, com a nova Lei de Uso do Solo, que define gabarito máximo para a área do centro da cidade de sete pavimentos, este processo de verticalização agrediu menos a paisagem, e principalmente os morros que circundam o centro, elementos de referência para seu usuário.

Este processo de verticalização ao longo do tempo, juntamente com o empobrecimento da cidade gerado pela baixa capacidade de investimentos da nova realidade econômica surgida posteriormente à crise, causou uma descontinuidade no espaço, enfraquecendo a imagem da cidade e degradando seus espaços públicos.

Com a degradação da identidade cultivada no final do século XIX, de Cidade Salubre, tentou-se criar um novo 'slogan' para cidade, visando ao aumento da renda

⁹² Expressão utilizada pelo ex-prefeito Heródoto Bento de Melo.

da cidade mediante a vinda de pessoas para usufruir de elementos de destaque como outrora. Este slogan seria o da Cidade da Moda Íntima, que mesmo com este tipo de industrialização na cidade, não consegue superar sua desperdiçada “belle époque”, ficando ainda sim como referência da cidade seu clima e seus elementos naturais, que se perderam ao longo dos anos de progresso e desenvolvimento.

3.5 A Configuração da Cidade nos Dias Atuais

Como pôde ser visto no decorrer deste capítulo, o traçado de Nova Friburgo foi desenvolvido seguindo o seu traçado inicial dos tempos coloniais, havendo apenas o complemento de sua malha viária. No entanto, se o traçado foi mantido, não se pode dizer o mesmo de seus exemplares edificados. Poucos são os que permaneceram na paisagem.

A forma em que se deu esta substituição acarretou a perda de unidade do espaço. Isto porque os novos elementos que foram sendo inseridos ao longo do tempo já não dialogavam uns com os outros e também não criavam uma nova unidade. A continuidade gerada pelo conjunto de suas fachadas e pela uniformidade de sua altura é quebrada desfazendo-se o cenário que antes emoldurava a via e dava unidade ao espaço.

Ao se analisar o traçado atual do centro da cidade (fig.42), pode-se perceber que a área do vale do Rio Bengalas não se alterou, permanecendo constituída por uma grande praça (Praça Getúlio Vargas) interligada a um eixo de grande importância, a Avenida Alberto Braune, quase que em paralelo ao eixo estruturador da cidade, a via do Rio Bengalas. Este conjunto é interligado por vias transversais, algumas já existentes no traçado do fim do século XIX e do início do século XX.

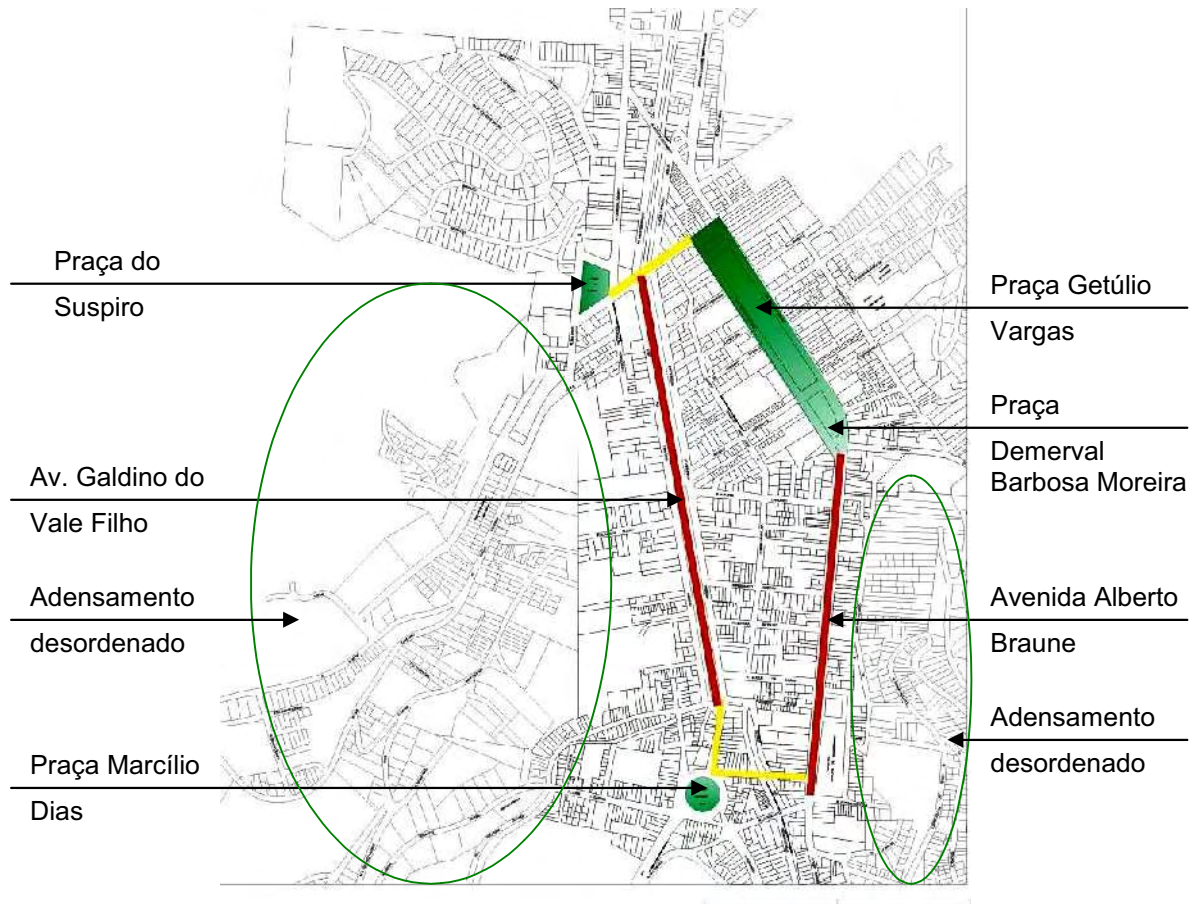


Fig.42 – Mapa da configuração atual da área de estudo do centro da cidade.

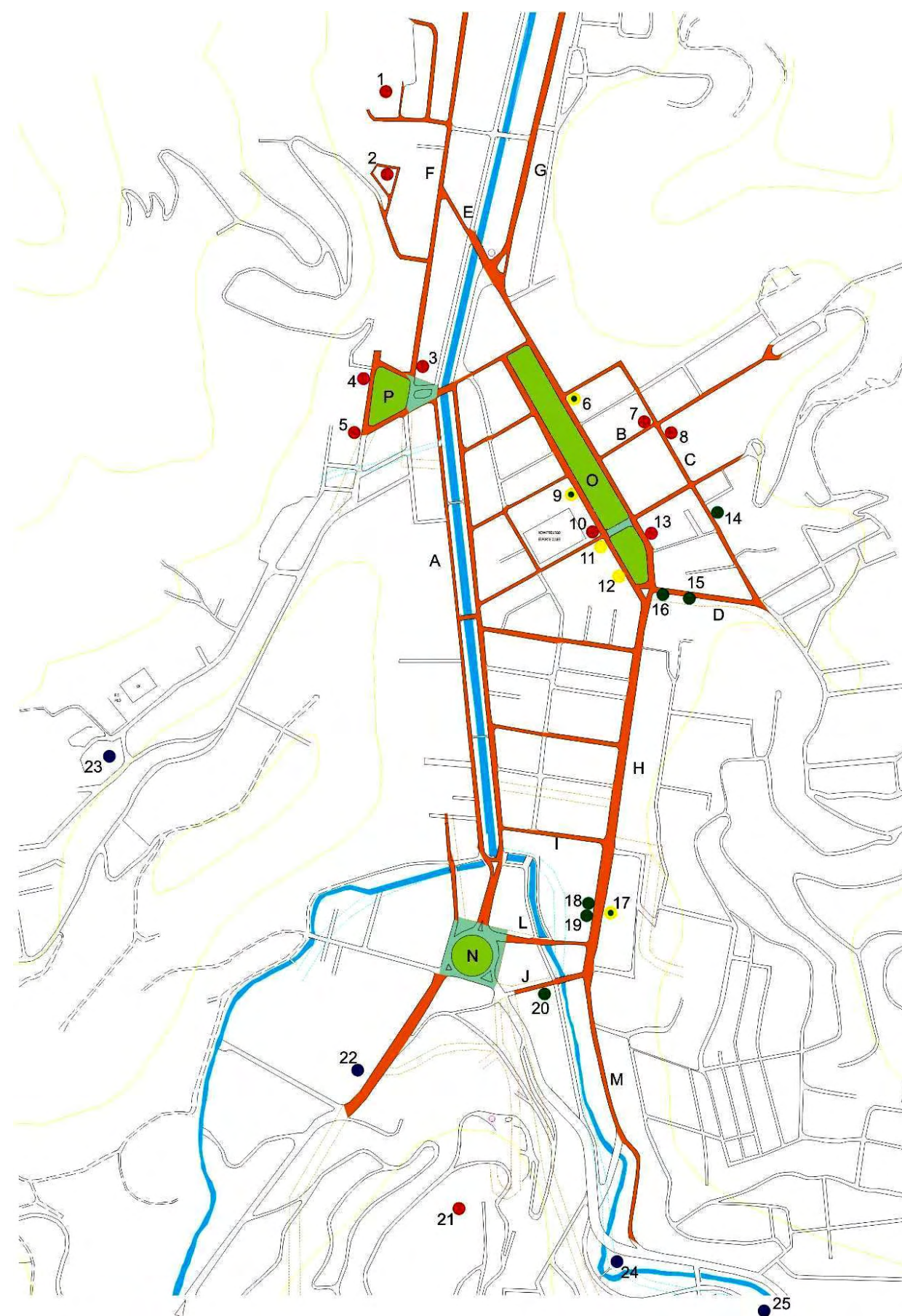
Fonte: Secretaria da Fazenda do Município de Nova Friburgo. Org.: DUARTE, Fernanda.

Ao contrário das áreas planas do traçado, o entorno do vale sofreu grandes alterações. O tecido urbano se estendeu para as encostas dos morros da região, degradando assim não só a natureza como também a paisagem urbana. Se antigamente o elemento que fechava a paisagem era a cadeia de morros da região, atualmente em alguns trechos se pode ver um emaranhado de casas sobrepostas formando um verdadeiro “castelo de cartas” (fig.43 e 44).



Fig.43 (Ano: 2007) e 44 (Ano: 2006) – Trecho do centro com um grande adensamento de edificações sobre as encostas dos morros da região.

Para finalizar o presente capítulo, é apresentado em mapa (fig.45) um resumo da evolução urbana do centro da cidade, por meio da sobreposição do traçado atual do centro da cidade, local do primitivo povoado e recorte de estudo, com o traçado do início do século XX, onde foram marcadas as edificações que são referências da paisagem dos séculos XIX, XX e XXI. Algumas delas atravessaram os séculos e se mantêm atualmente como referência, mudando apenas o seu uso.



LEGENDA:

- Edificações do Séc. XIX
- Igrejas do Séc. XIX
- Edificações marcantes demolidas
- Edificações do Séc. XX
- Edificações marcantes demolidas e Edificações do Séc. XX
- Indústrias
- Praças com traçado do Séc. XX
- Áreas de praça do Séc. XX
- Ruas existentes no traçado do início do Séc. XX que permanecem no traçado atual
- Leito do Rio Bengalas no Séc. XXI
- Traçado do início do Séc. XX
- Leito do rio no início do Séc. XX

A - Av. Dr Galdino do Vale Filho, antiga Av. Friburgo

B - Rua Monsenhor Miranda, antiga Rua 3 de Janeiro

C - Rua Augusto Spinelli, antiga Rua Gal. Câmara

D - Rua Monte Líbano, antigo Beco da Cadeia

E - Rua Sete de Setembro

F - Rua General Osório

G - Av. Euterpe Friburguense, antiga Av. Santos Dumont

H - Av. Alberto Braune, antiga Av. General Argolo

I - Rua Duque de Caxias

J - Rua Leuenroth

L - Rua Comte. Ribeiro de Barros, antigo Beco do Arco

M - Rua Moisés Amélio, antiga Rua Visconde do Bom Retiro

N - Praça Marcílio Dias, antiga Praça Paissandú






O - Praça Getúlio Vargas, antiga Praça XV de Novembro

P - Praça do Suspiro

Nº - Edificações de referência na paisagem – ver o número correspondente no quadro 8 (resumo do histórico das edificações que foram ou são referências na paisagem)

Fig. 45 – Mapa de sobreposição do traçado do início do século XX com o do século XXI.

Fonte: Planta cadastral - Plano Diretor Participativo – Prefeitura de Nova Friburgo.

Quadro 8 – Resumo do histórico das Edificações de Referência na Paisagem	
1	Fazendo do Morro do Queimado - Colégio Anchieta
Século XIX	Século XXI - 2004
	
Fonte: Acervo Digital Kastro.	
<p>Edificação pré-existente à colonização suíça de Nova Friburgo. Inicialmente Fazenda do Morro do Queimado, passou a ser a Casa de Inspeção, a Administração e a Capela da Vila quando da inauguração desta. Em 1886, é fundado neste prédio o Colégio Anchieta permanecendo até os dias atuais. Prédio tombado definitivamente pelo INEPAC em 1979.</p>	
2	Palacete do Barão de Duas Barras⁹³ - Faculdade de Odontologia
	Século XXI
	
	Fonte: www.visitenovafriburgo.com.br
<p>Este prédio foi construído para servir de residência do 2º Barão de Duas Barras em 1876. Este exemplar é uma cópia em menor escala do Palácio do Barão de Nova Friburgo, atual Palácio do Catete. Seus jardins foram projetados por Glaziou. Atualmente, nele se encontra a Faculdade de Odontologia da Universidade Federal Fluminense (FONF ou FOUFF/NF). Prédio tombado provisoriamente pelo INEPAC em 1988.</p>	
3	Palacete da Família Thomas - Colégio Modelo
Século XX - 1908	Século XXI - 2007
	
Fonte: Acervo Digital Kastro.	

⁹³ O 2º Barão de Duas Barras, Elias Antônio de Moraes, era um nobre brasileiro, cujo pai, Barão de Duas Barras era um oficial da Imperial Ordem da Rosa e fazendeiro brasileiro.

Este palacete foi construído para servir de residência da Família Thomas, sem registro do ano de sua construção. Na década de 40 do século XX, foi transformado em maternidade e pronto-socorro. Atualmente nele se encontra o Colégio Modelo.

4 Capela de Santo Antônio

Século XIX



Fonte: Pró-Memória.

Século XXI - 2006



A Capela de Santo Antônio foi fundada em 1884, sem a torre sineira e a sacristia. Esta última foi inaugurada em 1889. A torre sineira, no entanto, somente foi concluída em 1948, sendo de autoria do arquiteto Lucio Costa. Capela tombada provisoriamente pelo INEPAC em 1988.

5 Hotel Schumacher - Hotel Dominguez Plaza

Século XX



Fonte: www.hoteldominguez.com.br

Século XXI - 2004



Fonte: www.hoteldominguez.com.br

Não existe registro do ano de construção deste prédio, mas estima-se que ele tenha pelo menos 110 anos. Este prédio já serviu de mansão de veraneio, de residência e de escola, transformando-se na segunda metade do século XX em um hotel, o Hotel Schumacher. Atualmente chama-se Hotel Dominguez Plaza, mas não apaga sua história, mantendo-se também a referência de Hotel Schumacher.

6	Hotel Salusse – Edifício Spinelli	
	Século XIX - 1890	Século XXI - 2005
 <p data-bbox="349 660 692 689">Fonte: Acervo Digital Kastro.</p>		
<p>Não existe registro de quando foi construído este prédio. Inicialmente, Hotel Salusse pertencente a uma imigrante suíça, este prédio foi referência de prosperidade dos imigrantes suíços. A partir do início do século XX, com a decadência do hotel, este prédio passou a ser o Cassino Friburgo, depois a Sociedade Musical Euterpe, e em seguida a Sociedade Friburgo Club. Em seus últimos anos, serviu simultaneamente a inúmeras atividades, como consultório médico, armarinho e até uma delegacia. Foi vendido em 1939 à Família Spinelli, que o demoliu no ano seguinte e construiu no local o primeiro edifício da cidade, o Edifício Spinelli, que se mantém até os dias atuais.</p>		
7	Hotel São Paulo	
	Século XX - Déc. 30	Século XXI - 2008
 <p data-bbox="349 1520 692 1550">Fonte: Acervo Digital Kastro.</p>		
<p>Edificação existente desde o final do século XIX, sem registro de data de construção. Atualmente encontra-se nele o Hotel São Paulo. Devido ao seu uso, este prédio sofreu expansão mantendo-se, no entanto, o prédio principal preservado.</p>		

8	Instituto Sanitário Hidroterápico/ Hotel Central – Colégio N. S. das Dores	
Século XX - Déc. 30		Século XXI - 2006
 <p data-bbox="349 629 695 663">Fonte: Acervo Digital Kastro.</p>		
<p data-bbox="225 703 1441 920">Este prédio foi construído em 1870 para abrigar o Instituto Sanitário Hidroterápico, conhecido também como Estabelecimento de Duchas. Em 1891, foi construído em anexo a este o Hotel Central. Este conjunto arquitetônico foi uma grande referência da época, principalmente pelo discurso de cidade salubre vendida. Atualmente, estes dois exemplares pertencem ao Colégio Nossa Senhora das Dores. Prédio tombado provisoriamente pelo INEPAC em 1988.</p>		
9	Pensão Nascimento - Antigo Fórum	
Século XIX		Século XXI - 2005
 <p data-bbox="349 1386 695 1420">Fonte: Acervo Digital Kastro.</p>		
<p data-bbox="225 1449 1441 1574">Prédio que foi anexo à Casa do Barão de Nova Friburgo, posteriormente Pensão Nascimento e Cooperativa de Crédito “Caixa Rural de Nova Friburgo”. Este prédio foi demolido e em seu lugar foi construído o Edifício do Fórum Julio Zamith.</p>		
10	Casa do Barão de Nova Friburgo - Centro de Arte	
Século XX		Século XXI - 2008
 <p data-bbox="296 2036 751 2069">Fonte: www.visitenovafriburgo.com.br</p>		

Este prédio foi construído entre 1840 e 1842 para abrigar o Solar do Barão de Nova Friburgo. Inicialmente seu terreno ocupava todo o quarteirão, desmembrando-se e restando apenas a casa grande do conjunto. Esta casa já abrigou o Executivo Municipal, a Câmara de Vereadores e a cadeia pública. Atualmente nela se encontra o Centro de Artes. Prédio tombado provisoriamente pelo INEPAC em 1988.

11 Edifício Willisau Center

Século XX



Fonte: www.guiafriburgo.com.br

Século XXI - 2008



Em mapas do início do século XX (1920), este edifício já aparecia marcado como um dos elementos de referência da cidade. Atualmente, este edifício se mantém na paisagem como uma referência.

12 Escola Estadual Ribeiro de Almeida - Instituto de Educação (IENF)

Século XX - 1940



Fonte: Acervo Digital Kastro.

Século XXI







Fonte: www.guiafriburgo.com.br



Este edifício foi construído no final da década de 20 e princípio da década de 30 do século XX, para abrigar o Grupo Escolar Ribeiro de Almeida, inaugurado em 1933. Atualmente se encontra nele o Instituto de Educação de Nova Friburgo – IENF. Este prédio é um elemento de grande referência para a Praça Demerval Barbosa Moreira. Prédio tombado provisoriamente pelo INEPAC em 1988.

13	Igreja Matriz - Catedral de São João Batista	
Século XX - 1918		Século XXI - 2004
 <p data-bbox="349 685 692 719">Fonte: Acervo Digital Kastro.</p>		
<p>Igreja fundada em 1869, construída para servir de Matriz da Vila, já que todas as capelas existentes não tinham condições de suprir este uso. Inicialmente, por estar em um local onde todas as construções possuíam de um a dois pavimentos, a Matriz se destacava na paisagem de forma monumental, servindo de grande referência. Atualmente não se pode falar o mesmo; com a especulação imobiliária, houve o aumento do gabarito ao seu redor, ofuscando assim sua imponência na paisagem e deixando de ter um caráter monumental para passar a ser apenas um elemento diferenciado. Prédio tombado provisoriamente pelo INEPAC em 1988.</p>		
14	Teatro D. Eugênia - Edifício Gustavo Lira	
Século XX - 1910		Século XXI - 2004
 <p data-bbox="349 1509 692 1543">Fonte: Acervo Digital Kastro.</p>		
<p>Prédio construído em 1894 para abrigar o Teatro D. Eugênia. Anos mais tarde foi demolido e construído em seu local o Edifício Gustavo Lira. Na foto do século XXI apresenta-se apenas a região onde o edifício se encontra, não tendo registro fotográfico do prédio em si.</p>		
15	Cadeia	
<p>A cadeia pública da cidade no final do século XIX se localizava em um prédio na Praça do Itaboraí, praça esta que foi demolida juntamente com este prédio e o prédio da Câmara para a abertura do Beco da Cadeia, atualmente Rua Monte Líbano. Não se encontrou registro fotográfico deste exemplar.</p>		

16	Prédio do Senado da Câmara Municipal	
Século XX - 1910		
 <p data-bbox="352 640 692 674">Fonte: Acervo Digital Kastro.</p>		
<p>No final do século XIX, início do século XX, a Câmara dos Vereadores da cidade localizava-se em um prédio cujos fundos davam para a Praça do Itaboraí e a fachada principal para a Av. General Argollo. Este prédio foi demolido para dar origem ao Beco da Cadeia, atual Rua Monte Líbano.</p>		
17	Estação da Estrada de Ferro de Cantagalo - Prefeitura de Nova Friburgo	
Século XX - 1918		Século XXI - 2004
 <p data-bbox="352 1283 692 1317">Fonte: Acervo Digital Kastro.</p>		
<p>Prédio da Estação da Estrada de Ferro de Cantagalo, inaugurado em 1873. Com a venda da ferrovia para a Companhia Leopoldina Railway em 1887, o prédio da estação permaneceu intacto por algumas décadas ainda, sendo demolido apenas em 1935 por se apresentar obsoleta. Em seu lugar foi construída uma nova estação em estilo colonial, que com a falência da ferrovia, passa a ser ocupado pela Prefeitura Municipal e a se chamar “Palácio Barão de Nova Friburgo”. Prédio tombado provisoriamente pelo INEPAC em 1988.</p>		
18	Hotel Friburguense	
<p>Não se tem registro fotográfico deste hotel, mas ele se encontra relatado em livros como local de referência da cidade no final do século XIX. Localizado na Av.General Argollo em frente à estação ferroviária, acredita-se que foi demolido, já que no local atualmente não se encontra nenhum exemplar aparentemente desta época.</p>		

19	Pensão Marinho	
<p>Do mesmo modo que o hotel Friburguense, esta pensão se encontrava em frente à estação da estrada de ferro da Av. General Argolo. Também citado em livros na descrição da cidade no final do século XIX, este exemplar não possui registro fotográfico encontrado. Acredita-se também que foi demolido.</p>		
20	Hotel Leuenroth - Cinema Marabá	
Século XX - 1930		
<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  <p>Fonte: Acervo Digital Kastro.</p> </div> <div style="width: 40%;"></div> </div>		
<p>Este prédio existia desde meados do século XIX. Inicialmente serviu para abrigar o Hotel Leuenroth de mesmo nome da rua em que se encontrava. Na década de 30 do século XX se instalou neste local o Colégio Modelo. Foi demolido para a construção do Cinema Marabá, que também não existe mais atualmente.</p>		
21	Fazenda do Barão de Nova Friburgo - Sanatório Naval	
Século XX - 1933		Século XXI
<div style="text-align: center;">  <p>Fonte: Acervo Digital Kastro.</p> </div>		<div style="text-align: center;">  <p>Fonte: www.visitenovafriburgo.com.br</p> </div>
<p>Este exemplar foi construído em 1890 para servir de Casa de Caça do Barão de Nova Friburgo. Em 1910 foi comprado pelo Governo Federal para se tornar o Sanatório Naval. Durante a Primeira Guerra Mundial, o prédio serviu como local de internação para tripulantes de navios mercantes alemães, apreendidos pelo governo em portos brasileiros. Atualmente seu uso destina-se a serviços administrativos da Marinha e a hotel de trânsito. Prédio tombado provisoriamente pelo INEPAC em 1988.</p>		

22	Fábrica Arp
Século XX	
Século XXI	
 <p>Exposição ARP Decade 1911</p>	 <p>Exposição ARP Decade 1911</p>
Fonte: www.arp.com.br	
<p>A Arp Fios e Bordados foi construída em 1911. Ela foi a primeira indústria a se instalar em Nova Friburgo e desenvolver o potencial industrial da cidade. Como um elemento de grande escala no espaço e não só como um elemento que marcou o progresso da cidade, esta fábrica até hoje é utilizada como referência na paisagem.</p>	
23	Fábrica Filó
Século XX	
Século XXI - 2007	
	
Fonte: www.ideias.org.br/visitefriburgo	
<p>O prédio foi construído em 1925 para abrigar a Fábrica de Filó para a produção de filós, rendas, tecidos e decoração. Em 1968 foi vendido para o grupo Triumph internacional, destacando-se no setor da moda íntima. Este grupo se mantém até hoje no local, mas mesmo atualmente o termo “fabrica filó” ainda é usado como referência para o edifício.</p>	
24	Fábrica Sinimbú
<p>Esta fábrica foi inaugurada em 1953, com sua produção de rendas, fitas e elásticos, voltada para o mercado externo. Permanece até os dias atuais.</p>	

25	Fábrica Ypú	
	Século XX	Século XXI - 2009
	 <p data-bbox="290 663 756 696">Fonte: www.ideias.org.br/visitefriburgo</p>	 <p data-bbox="887 667 1402 701">Fonte: www.flickr.com/photos/blogdojunior/</p>
<p>O prédio foi construído em 1912 para a instalação da Fábrica Ypú. Esta fábrica está diretamente relacionada ao desenvolvimento industrial ocorrido no início do século XX em Nova Friburgo. A partir das décadas de 80/90, com a crise econômica deflagrada na cidade, esta fábrica sofreu inúmeros problemas. Atualmente se encontra apenas com parte de suas atividades em funcionamento.</p>		